

**A paisagem de duas fábricas esquecidas: os usos
desmemoriais para as Fábricas Anglo e Lang na cidade de
Pelotas/RS^{1 2}**

*El paisaje de dos fábricas olvidadas: los usos desmemoriales de las
fábricas Anglo y Lang en la ciudad de Pelotas/RS.*

**Representações, memórias e figurações/ Representaciones, memorias y
figuraciones**

**E6_01_Los paisajes históricos de la producción: nuevos procesos emergentes y
experimentales en la ciudad contemporânea**

Francisca Ferreira Michelin

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil

fmichelon.ufpel@gmail.com:

Caterine Henriques Mendes

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil

catemendes@gmail.com

Jossana Peil Coelho

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil

jopeilc@gmail.com

Resumo: As paisagens históricas da produção são os espaços onde se podem observar as relações socioespaciais entre fábrica, território e sociedade. No entanto, as fábricas extintas costumam ser patrimônios ameaçados por diferentes motivos. Sob esse aspecto, o estudo relaciona duas unidades de ensino e pesquisa, a Universidade Federal de Pelotas

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² CNPQ – Bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2 - Projeto Museu de ruínas em paisagens rurais: patrimônio industrial na microrregião de Pelotas/RS (Processo: 306531/2022-4) Chamada MCTI/CNPQ Nº 16/2024 - Faixa 1: Projeto em cooperação internacional – Projeto Tecnologias Antigas e Atuais em Culturas Tradicionais Ibero-Americanas: Sustentabilidade de Paisagens Históricas da Produção (Processo: 403368/2024-3)

(UFPel) e o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), que adquiriram os complexos de grandes fábricas extintas para serem utilizadas pelas instituições. Foram seis conjuntos de plantas fabris adquiridos entre os anos de 1996 e 2014, cinco pela UFPel e a fábrica Lang pelo IFSul. Os motivos para a aquisição das fábricas decorreram de um movimento que houve na cidade, na década de 1980, quando se passou a reivindicar a reabilitação das zonas fabris de Pelotas. No entanto, os motivos mais determinantes estavam relacionados à amplitude das áreas que por conta de uma falta de legislação específica para o patrimônio industrial, permitia aos novos proprietários intervenções livres de limitações. São apresentados dois casos: o Frigorífico Anglo, adquirido pela UFPel em 2007, e a Fábrica Lang, adquirida pelo IFSul por volta de 2013. Ambos os exemplos oferecem pontos de inflexão que refletem a falta de uma legislação específica para o patrimônio industrial na cidade, ainda que Pelotas possui um plano diretor bastante protetivo do seu patrimônio cultural. O paradoxo acentua-se se considerado o histórico de ambas as fábricas: surgiram em áreas periféricas, estiveram ativamente presentes no processo de urbanização da cidade e por muitos anos impactaram a economia da região. Por fim, ressalta-se que seus proprietários são instituições de pesquisa e de ensino, nas quais há grupos que antagonizam pontos de vista sobre o mesmo tema, legitimando o pensamento corrente de que o patrimônio é um campo de conflitos. Há de se entendê-los na essências e nas paisagens onde subsistem.

Palavras-chave: Patrimônio industrial, paisagem cultural, preservação patrimonial, memória social.

Resumen: Los paisajes históricos de producción son los espacios donde se pueden observar las relaciones socioespaciales entre fábrica, territorio y sociedad. Sin embargo, las fábricas extintas a menudo son patrimonio amenazado por diversas razones. En este sentido, el estudio relaciona dos unidades de enseñanza e investigación, la Universidad Federal de Pelotas (UFPel) y el Instituto Federal del Sur de Río Grande (IFSul), que adquirieron los complejos de grandes fábricas extintas para uso de las instituciones. Seis conjuntos de plantas fabriles fueron adquiridos entre 1996 y 2014, cinco por la UFPel y la fábrica Lang por el IFSul. Las razones para adquirir las fábricas surgieron de un movimiento en la ciudad en la década de 1980, cuando comenzó a exigirse la rehabilitación de las zonas industriales de Pelotas. Sin embargo, las razones más decisivas estaban relacionadas con el tamaño de las áreas, que, debido a la falta de legislación específica para el patrimonio industrial, permitió a los nuevos propietarios intervenciones sin restricciones. Se presentan dos estudios de caso: el frigorífico Anglo, adquirido por la UFPel en 2007, y la fábrica Lang, adquirida por el IFSul alrededor de 2013. Ambos ejemplos ofrecen cien puntos de inflexión que reflejan la falta de una legislación específica para el patrimonio industrial en la ciudad, a pesar de que Pelotas cuenta con un plan maestro que protege considerablemente su patrimonio cultural. La paradoja se acentúa al considerar la historia de ambas fábricas: surgieron en zonas periféricas, estuvieron presentes activamente en el proceso de urbanización de la ciudad y durante muchos años impactaron la economía de la región. Finalmente, se enfatiza que sus propietarios son instituciones de investigación y docencia, en las que existen grupos que

sostienen puntos de vista opuestos sobre el mismo tema, lo que legitima la idea actual de que el patrimonio es un campo de conflicto. Estos conflictos deben ser comprendidos en las esencias y paisajes donde subsisten .

Palabras clave : Patrimonio industrial, paisaje cultural, preservación del patrimonio, memoria social.

Introdução

É fundamental no estudo do patrimônio industrial pensar esse patrimônio inserido no contexto do conceito de paisagem cultural. As paisagens históricas da produção são os espaços onde se podem observar as relações socioespaciais entre fábrica, território e sociedade. A industrialização foi transformando a paisagem urbana, localizada estrategicamente próximos as rotas fluviais, ou ferroviárias, transformando a configuração urbana com as vilas operárias, escolas, mercados e serviços que foram se desenvolvendo ao redor das fábricas, para atender as necessidades dos operários, (Pereira; Gonsales; Heck, 2025). Os remanescentes das antigas fábricas e do período de industrialização, como ferrovias, portos, ainda são presentes em diversas cidades pelo mundo. Esses remanescentes fabris, com grandes pavilhões e suas chaminés, que marcaram o perfil das cidades, se consolidam como paisagem urbana, (Pereira; Gonsales; Heck, 2025). Essas paisagens, como traz Cimadomo, Varagnoli,(2023), fazem parte do dia-a-dia, são testemunhas da vida cotidiana e da cultura de uma comunidade, tornando-se suporte de evocação da memória coletiva. Como afirma Alba Dorado, MI et al. (2022):

Estos paisajes, testigos de un pasado industrial, alcanzan, una vez que la actividad industrial que los generó ha cesado, un carácter patrimonial. Introducen en el territorio nuevos valores e identidades relacionados con la cultura del trabajo y con la memoria del territorio. Estos adquieren una identidad propia y específica no solo como paisajes altamente transformados por una actividad industrial, sino también como poseedores de un alto valor cultural y patrimonial, testimonios de lo cotidiano, de la cultura de un pueblo y depositarios de una memoria colectiva. (Alba Dorado, MI et al. p.2, 2022).

Essa paisagem cultural é um elemento de extrema importância para compreender o processo de industrialização. Esse legado que a indústria nos deixou, num passado não tão distante, é o elemento mais representativo da sua cultura de produção e deve ser pensada e preservada como patrimônio industrial, (Alba Dorado, MI et al. 2022). Esse patrimônio ajuda refletir e a compreender o processo e a história do desenvolvimento tecnológico, mas também evidencia a importância das classes trabalhadoras, na construção da sociedade, em suas culturas, relações sociais, movimentos por direitos e as relações trabalhistas e econômicas, (Pereira; Gonsales; Heck, 2025),

No entanto, as fábricas extintas costumam ser patrimônios ameaçados por diferentes motivos. Inseridos na categoria de patrimônios, os remanescentes industriais pertencem a um campo de conflitos e disputas, na arena das escolhas do que lembrar e o que esquecer. Desse modo, como nos traz Chagas (2009) as instituições que tratam da preservação e difusão do patrimônio, os agentes patrimoniais envolvidos nesse processo de reconhecimento ou não, apresentam um determinado discurso sobre a realidade, e compreender esse discurso é fundamental para compreender a sua base ideológica, ele é composto de sons e silenciamentos, “de cheios e de vazios, de presenças e ausências, de lembranças e esquecimentos.” O patrimônio existe a partir do significado que lhe é atribuído, e esse significado é inerente à sua representação na sociedade, na sua relação com o espaço e com o tempo, como destaca Menezes (1998 p. 91): “nenhum atributo de sentido é imanente ao artefato (ou patrimônio), eles são historicamente silenciados ou

mobilizados, pela sociedade e grupos nas operações de produção, articulação e consumo de sentido.

Sob esse aspecto, o estudo relaciona duas unidades de ensino e pesquisa, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), que adquiriram os complexos de grandes fábricas extintas para serem utilizadas pelas instituições. Foram seis conjuntos de plantas fabris adquiridos entre os anos de 1996 e 2014, cinco pela UFPel e a fábrica Lang pelo IFSul. Os motivos para a aquisição das fábricas decorreram de um movimento que houve na cidade, na década de 1980, quando se passou a reivindicar a reabilitação das zonas fabris de Pelotas. No entanto, os motivos mais determinantes estavam relacionados à amplitude das áreas que por conta de uma falta de legislação específica para o patrimônio industrial, permitia aos novos proprietários intervenções livres de limitações. São apresentados dois casos: o Frigorífico Anglo, adquirido pela UFPel em 2007, e a Fábrica Lang, adquirida pelo IFSul por volta de 2013.

O Frigorífico Anglo de Pelotas e a Universidade Federal de Pelotas

O Frigorífico Anglo iniciou suas atividades no ano de 1943, as margens do Canal São Gonçalo, região periférica da cidade de Pelotas, que na época não era habitada. A urbanização desta área foi ocorrendo ao longo dos anos seguintes quando progressivamente foram surgindo habitações, ruas e vilas, que hoje estão ao lado do que foi o antigo frigorífico, ocupado pela Universidade Federal de Pelotas, desde 2007 (Michelon; Cruz, 2016). A cidade já tinha uma forte herança com este tipo de empreendimento, haja vista que surgiu das charqueadas que se implantaram ao longo do Arroio Pelotas. A presença de rebanhos e criadores de gado está na origem da Associação Comercial de Pelotas que congregou entre o final do século XIX e primeiras décadas do XX, outros empreendedores e industrialistas. A indústria da carne era o epicentro da economia local o que levou um grupo de investidores a criar um frigorífico na cidade, em 1918, o Frigorífico Rio Grande (Figura 1). Cabe destacar que foi o primeiro empreendimento de capital nacional no Rio Grande do Sul. (Cruz, 2016). Os principais produtos eram as carnes para a exportação congelada ou enlatada, e para esse processo os funcionários eram capacitados dentro da própria indústria. A obra seria projetada para matança de 500 rezes por dia, com câmaras frias para produtos perecíveis como frutas e laticínios, e ainda com um ramal férreo, oficinas e depósitos, (Michelon, 2012).



Figura 01: Fotografia do Frigorífico de Pelotas. Fonte: Almanach de Pelotas de 1921.

Os edifícios do frigorífico consistiam em 13 câmaras frias com capacidade de armazenar três mil toneladas de produtos, segundo Michelin (2012):

Havia dois compressores suíços com capacidade para refrigerar 400 toneladas, dois geradores para fornecimento de energia elétrica e três caldeiras norte-americanas para fornecimento de 220m² de superfície de calefação. Possuía um departamento para a produção de línguas e carnes em conserva e um setor de Graxas com equipamento e instalações para produção de resíduos que seguiam para o departamento de fertilizantes, outro departamento aproveitava parte da graxa para produção de óleo e estearina. Mais um departamento dava finalidade ao aproveitamento de chifres, patas, nervos e outros. Ainda, construiu-se um edifício de dois andares, perto do cais, para estocar os produtos prontos até o momento do embarque. Existia trilhos para o transporte das mercadorias entre os prédios ou para fora do complexo e uma sala para a salga dos couros que seriam comercializados. Afora essa estrutura, a planta contava com oficinas e almoxarifado. (Michelon, p.52, 2012).

Entretanto, o Frigorífico, teve uma vida curta. Acenava-se uma crise decorrente de vários fatores o que levou os empreendedores a venderem a fábrica para o capital estrangeiro do grupo inglês Vestey Brothers, em 1921. A estrutura foi usada pelo Grupo, com bastante parcialidade, até 1926, quando encerram integralmente as atividades. Mas, em 1942, o advento da Segunda Guerra promoveu o aumento da demanda por carne enlatada e o Grupo viu na ocasião a oportunidade de incrementar o número de unidades do Frigorífico. Seguindo um modelo já empregado, o antigo Frigorífico de Pelotas foi reformado, incorporando a tecnologia mais recente da época para frigorificação. Em poucos meses de intensa reforma, começa a operar em 1943, até fechar definitivamente em 1991 (Cruz, 2016). O complexo Anglo fora projetado para o abate de até mil bois por dia, além de suínos, ovinos e aves. A produção também incluía conservas de legumes e frutas, e em décadas mais recentes produtos de padaria. E, ao longo do tempo o complexo Anglo de Pelotas foi se modernizando, os prédios foram adaptados para novos processamentos e produtos (Michelon. 2012). E seguindo a trajetória de muitas outras fábricas, respondeu durante décadas às demandas de mercado, passando por um processo de desativação paulatino, até que no ano de 1991, já não havia mais atividades industriais no grande complexo.

Os prédios, abandonados por longos anos, sofreram as agruras do tempo, até a ocupação pela Universidade Federal de Pelotas, entre 2005 e 2006, (Figura 2). Parte dos prédios foi destruída de forma irrecuperável. A intervenção interna dos antigos edifícios de abate, do processamento da carne e das câmaras frias foi tão drástica que não fosse o esforço de um grupo de pesquisadores em criar um memorial no que antes fora uma câmara fria, hoje não haveria vestígios das funções originais do prédio. Na ocasião, o complexo já constava no Plano Diretor da Cidade de Pelotas, bem como estava listado no inventário do Patrimônio Cultural com proteção nível 2. A despeito da proteção, as obras para adaptação das instalações em salas de aula, laboratórios, biblioteca e demais dependências acadêmicas e administrativas alteraram significativamente a aparência das edificações. (Cruz, 2016)



Figura 02: Antigo Frigorífico Anglo de Pelotas, atual Campus Porto da UFPel. Fonte: Fotografias de Ubirajara Buddin Cruz, 2013.

De acordo com os autores Michelin e Cruz (2016):

Entre os prédios colocados abaixo, do ponto de vista da memória coletiva, o mais importante foi o do setor de conservas, cujo frontão exibia o nome Anglo pintado em letras vermelhas e podia ser visto desde a ponte que demarca o limite dos municípios de Pelotas e de Rio Grande. Antes de ser demolido, logo após a aquisição, a Universidade Federal de Pelotas substituiu o nome Anglo por UFPel, (Michelon e Cruz. p. 186, 2016).

Ainda segundo os autores, conforme a Universidade foi realizando as obras de adaptação e se instalando, um grupo de pesquisadores sentiu a necessidade de um espaço que servisse de vetor da memória coletiva daquele espaço, que guardasse a história do extinto frigorífico Anglo de Pelotas. E, a partir dessa ideia surgiu o Memorial do Frigorífico Anglo (Figura 3). E, onde é o Memorial, se revela, através das ruínas a técnica das câmaras frias, entre outros elementos presentes na informação das fotografias expostas.



Figura 03: Memorial do Frigorífico Anglo. . Fonte: Fotografias de Kátia Dias,2023.

A Fábrica de Sabão e Velas F.C. Lang e o Instituto Federal de Educação e Tecnologia Sul-rio-grandense

A Fábrica de velas, sabão e sabonetes F.C. Lang foi inaugurada na cidade de Pelotas no ano de 1864, auge do período charqueador (Morais, 2014) e utilizava subprodutos do boi, matéria-prima das charqueadas. Deu início às suas atividades, com apenas dois funcionários, na produção de sabão comum e velas de sebo. Morais (2014) destaca que pelo fato de não haver energia elétrica, a vela ainda era uma mercadoria muito procurada para consumo. A Revista do 1º Centenário de Pelotas, organizado por Simões Lopes Neto, já destacava que devido à grande procura pelo produto e boa qualidade oferecida pela fábrica, em 1870 Lang teve que ampliar a sua fábrica (1912, p. 72-73), estabelecendo-a na Estrada da Costa (Figura 4), uma localização estratégica e de fácil acesso às charqueadas, próximo ao Arroio Pepino. É onde hoje se encontra o que resta da Fábrica.



Figura 04: Fábrica F. C. Lang & Cia. **Fonte:** COSTA, Alfredo da. O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o estado. 1922, p.88.

Ainda, de acordo com a Revista do 1º Centenário de Pelotas (1912, p.73), no ano de 1910 a fábrica contava com 100 funcionários de ambos os sexos, e obtinha grandes resultados no processo de industrialização e na diversificação dos produtos. Essa revista também informa que em 1911, a Fábrica foi equipada com modernos geradores próprios, que produziram luz elétrica para a fábrica e para todo o bairro, então conhecido bairro da luz. Talvez resida nesse fato o rápido desenvolvimento urbano desta área da cidade, hoje totalmente integrada ao centro. Imagina-se que a iluminação fornecida pela fábrica tenha influenciado novas formas de viver. Durante a sua existência, a fábrica Lang se destacou como importante empreendimento fabril da cidade de Pelotas, participando de feiras nacionais e internacionais e ganhando diversos prêmios. O complexo fabril compreendia edifícios com vários pavimentos e um conjunto de galões térreos, dos quais se destacavam as chaminés da indústria. A fábrica fechou suas portas no ano de 1994, restando na área as antigas construções fabris, suas chaminés e uma torre (Figura 5). Apesar do encerramento das atividades em 1994, vestígios da Fábrica Lang ainda compõem a paisagem urbana de Pelotas.

Após fechar as portas, a fábrica ficou em estado de abandono. Seus prédios castigados pelo tempo, com evidentes sinais de deterioração tanto nas edificações quanto nas chaminés remanescentes, assim ficaram até meados dos anos 2000. Nesse contexto, um incidente ocorreu quando um raio atingiu uma das chaminés, provocando o desabamento parcial da estrutura e o lançamento de tijolos sobre imóveis vizinhos (Valério, 2021). A partir desse episódio, membros da comunidade local recorrem ao Ministério Público, que, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas, iniciou uma pesquisa voltada à valorização e ao reconhecimento da relevância histórica e cultural da Fábrica Lang para o patrimônio urbano da cidade. A pareceria resultou na pesquisa Professora Ana Lúcia Oliveira, “Chaminé, a Fábrica e as Moradas de Frederico Carlos Lang”, na qual identificou a Fábrica Lang como a mais relevante da cidade de Pelotas no final do século XIX e início do século XX. A pesquisa destacou a chaminé remanescente como um marco referencial significativo — tanto do ponto de vista histórico quanto em termos de legibilidade e orientação espacial para os usuários da área —, ressaltando a urgência de obras de consolidação da estrutura. O estudo emitiu parecer favorável ao inventário e tombamento da chaminé pelos órgãos competentes, recomendando também a realização de intervenções voltadas à sua preservação. Esse reconhecimento também ocorreu por parte da Secretaria de Cultura do município. E, apesar disso, após uma audiência pública, no ano de 2008, com a revisão do Plano Diretor do município

de Pelotas, a área onde se encontram as ruínas da antiga Fábrica Lang e sua chaminé foi excluída da zona de preservação patrimonial (Valério, 2021).

No ano de 2011 o terreno da Fábrica foi comprado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). No ano de 2012, a chaminé foi derrubada, restando somente sua base. No mesmo ano, começaram as obras para a construção do prédio da reitoria. No ano de 2014, o IFSul assinou um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) junto à Prefeitura, assumindo o compromisso da construção de um memorial da Fábrica Lang, que se apresentou em um projeto: IFSul - memória, cultura, formação e cidadania. Na atualidade, das duas chaminés restaram, somente, as suas bases. Dos maquinários da fábrica nenhum se encontra mais no seu interior. O entorno da fábrica, em decorrência da valorização imobiliária, está repleto de prédios residenciais. Do conjunto de prédios da antiga Fábrica Lang, permanece a entrada, que já sofreu interferências; um prédio remanescente e uma torre. Este prédio apresenta precariedade extrema pela alegada falta de verba para a sua conservação.



Figura 05: Fábrica F. C. Lang & Cia. **Fonte:** Arquivo Histórico Biblioteca Pública Pelotense - EIC- 014

Ambos os casos apresentados aqui foram fundamentais para o desenvolvimento social, econômico, político e urbano da cidade. O frigorífico Anglo, localizado em um bairro afastado e periférico, intensificou a formação de uma área que hoje se conhece pela região do Porto. A Fábrica Lang foi o principal vetor de transformação do bairro periférico, onde se instalou, na zona central e de expansão imobiliária, que é hoje. Ambas as fábricas impactaram o desenvolvimento da cidade, integrando de modo inegociável a sua paisagem. Não apenas essas duas, mas outras, fazem saber o quanto a industrialização foi transformando a paisagem urbana. Praticamente, todas as fábricas da cidade foram localizadas estrategicamente próximas às rotas fluviais, ou ferroviárias, e facilitaram ou promoveram no seu entorno o surgimento de vilas operárias, escolas, mercados e serviços, para atender às necessidades dos operários, (Pereira; Gonsales; Heck, 2025). Compreender tal processo impacta em um projeto de reuso e de reabilitação desse patrimônio, de forma efetiva a torna-lo ativo. Apesar da legislação municipal, da proteção de preservação do Frigorífico Anglo e do reconhecimento por agentes patrimoniais em relação à Fábrica Lang, não se observa no que foi feito no primeiro e no que se vê fazer no segundo, um projeto atento ao

valor memorial e histórico do bem. A monetização do espaço parece ser o único valor a considerar e as intervenções desnecessárias e desqualificadoras evidenciam o pouco valor que tem sido dado à história do trabalho e dos trabalhadores. Não deveria ser assim. E é sobre isso que versa o presente texto.

Reuso e ativação do Patrimônio Industrial por instituições de ensino: casos de sucesso

A reabilitação do patrimônio industrial por instituições de ensino ao redor do mundo, oferece casos de reuso eficaz e eficiente, que respeitaram as estruturas pré-existentes nas paisagens urbanas nas quais se encontram tais bens. Desse modo, operam como vetores de memória coletiva, oferecendo a oportunidade de operarem a ativação patrimonial junto a sua comunidade através do conhecimento ou reconhecimento desses lugares. Citam-se aqui dois casos importantes: Antiga Fábrica de Massas Leões em Évora, ocupada pela Escola de Artes da Universidade de Évora e o antigo curtume da rua da Ramada, reconvertido no Instituto de design da Universidade do Minho, ambas em Portugal, ocupadas atualmente por instituições de ensino e pesquisa, que se instalaram nesses locais sem apagar a memória que esse patrimônio representa para a sua comunidade.

A Antiga Fábrica de Massas Leões, em Évora, é ocupada pelos cursos de Arquitetura, Artes Visuais, Design, Música e Teatro. Apenas os cursos do Departamento de Música funcionam em outro edifício no centro histórico da cidade. A antiga fábrica funcionou praticamente durante todo o século XX, e foi uma referência da industrialização tardia do Alentejo, região na qual sazonalmente faltava oferta de trabalho nos afazeres agrícolas. A fábrica fechou suas portas em 1993 e foi adquirida pela Universidade em 1998. Como um importante vetor de memória, inúmeros trabalhadores ainda guardam na lembrança as atividades laborais, o barulho das máquinas e a chegada e partida do trigo pela viação férrea, (Lima, Bezelga, Lyra, 2023). Ocupado pela instituição de ensino, suas estruturas originais foram preservadas, tornando-se visíveis aos ocupantes e comunidade. Novos mobiliários foram acrescentados nos amplos espaços da antiga fábrica para acomodar a instituição de ensino (Figura 6). Na ocupação dos espaços da antiga Fábrica e dos seus sistemas de funcionamento, foram encontrados algumas das estratégias a reutilizar na construção da escola³. De acordo com Lima, Bezelga e Lyra, uma empresa de arquitetos foi contratada para a reabilitação desse patrimônio industrial e sua conversão numa unidade de ensino, que preservasse e conversasse com os elementos memoriais da antiga fábrica:

Para recuperar esse patrimônio industrial desativado resgatando espaços simbólicos como memória que reafirma não só a cultura da região alentejana, como também a cidadania da população, foram contratadas duas firmas de arquitetura, que desenvolveram o projeto de reconversão transformando os espaços fabris em espaços para as artes. A proposta dos escritórios Inês Lobo Arquitectos Lda & Ventura Trindade Arquitectos Lda teve a preocupação em manter a coerência com a arquitetura do entorno, não descaracterizando a arquitetura original, optando por soluções mistas de emprego de aço e concreto armado, aço e madeira, e madeira e concreto. Como forma de harmonizar o conjunto de prédios com as tradições da arquitetura alentejana, os arquitetos utilizaram a cal branca no acabamento das alvenarias (Lima, Bezelga e Lyra, p. 54, 2023)

³ "Reutilização da antiga Fábrica dos Leões - Departamento de Arquitetura e Artes Visuais / Inês Lobo Arquitectos + Ventura Trindade Arquitectos" [Art and Architecture Faculty / Ventura Trindade Arquitectos + Inês Lobo Arquitectos] 10 Feb 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 10 Jan 2026. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-slash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos>> ISSN 0719-8906

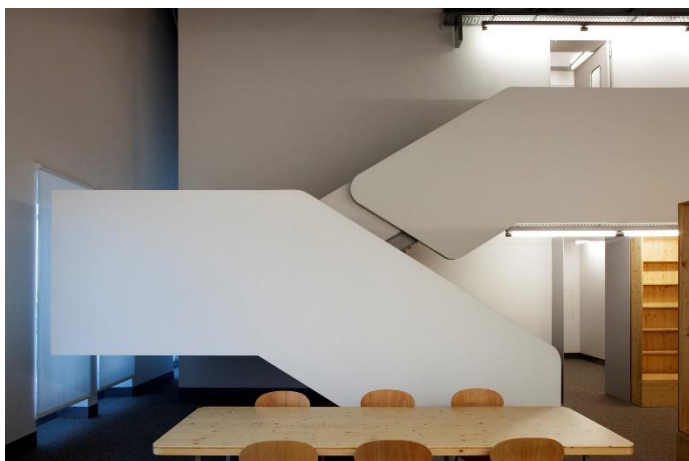


Figura 06: Biblioteca da Escola de Artes da Universidade de Évora. Fonte: Leonardo Finotti, 2009, <<https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-slash-ines-lobo-arquitectos-plus-ventura-trindade-arquitectos>> ISSN 0719-8906

Ainda de acordo com as autoras:

O complexo já reconvertido abriga hoje o ensino e a prática das artes cênicas, das artes visuais e design e da arquitetura e veio a formar um polo de história social, visto que preservou a memória dos trabalhadores da indústria de moagem e constitui atualmente um espaço de transmissão de cultura, de memória rememoração do passado recente, (Lima, Bezelga e Lyra, p. 59-60, 2023).

As estruturas e tipologias originais do complexo fabril sofreram pouquíssimas intervenções, prevalecendo substancialmente, tanto nas áreas externas como internas, a essência dos espaços fabris, os desenhos e tipologias originais. Nesse mesmo contexto, o antigo curtume da rua da Ramada, foi reconvertido no Instituto de design da Universidade do Minho. Além das fachadas e dos telhados em treliça, as obras realizadas mantiveram inúmeros elementos que rememoram o cotidiano dos curtumes e de seus operários, situados em uma área periférica ao centro histórico da cidade de Guimarães. Esse conjunto de inúmeros curtumes desativados, podem ser chamados de “lugares de memória” a partir de certo entendimento do conceito cunhado por Nora (1993), justamente porque se faz presente na memória de centenas de trabalhadores, que dedicaram boa parte de sua vida laboral nesses lugares, num período histórico de longa duração, (Lima, Bezelga, Lyra, 2023). Agora reabilitados com novas funcionalidades, abriga projetos de ensino, pesquisa e extensão, que tem como prioridade a inovação, o conhecimento científico e a tecnologia. De acordo com as autoras as cores e formas originais da fachada foram mantidas, tanto o maquinário como a sua arquitetura forma preservados, para receber o Instituto de Design da Universidade do Minho. O espaço conta com uma praça aberta ao público, e reabilita um espaço, considerado como uma tradição na zona dos couros, que eram ruelas que se interligavam entre as fábricas. Além das fachadas várias estruturas e elementos que rememoram o cotidiano laboral, foram preservados. Os grandes armazéns (Figura 07), que mantêm suas treliças preservadas é um espaço que recebe exposições, performances teatrais, entre outras atividades culturais.



Figura 07: Instituto de Design do Minho. **Fonte:** Jornal Online da Uminho, nº138, fev. 2025, <https://www.nos.uminho.pt/Article.aspx?id=1117>

Reuso e ativação do Patrimônio Industrial em Pelotas: entre possibilidades e desafios

As antigas fábricas que constituem o objeto de reflexão deste texto, formam a paisagem industrial desta cidade, ainda que hoje sua função se distancie do período em que funcionaram como indústrias. O reuso por meio de instituições de ensino apresenta muitas possibilidades de ativação, reconhecimento e preservação desses patrimônios, como os casos citados em Portugal. O grande desafio, no entanto, é resultado da confluência de fatores que nem sempre são facilmente identificados. A falta de uma legislação específica para essa tipologia de patrimônio é um desses fatores, justamente porque permitiu que os novos proprietários admitissem intervenções invasivas e destrutivas para atender as necessidades imediatas do reuso. As extintas fábricas Anglo e Lang confirmam a assertiva. Surpreendente é lembrar que Pelotas possui um dos planos diretores mais protetivos do patrimônio cultural do Estado. No entanto, para entender tal paradoxo não basta recuperar o histórico de ambas as fábricas. Urge pensar que ambas surgiram em áreas periféricas, cada uma a seu turno correspondendo a um processo de ocupação do entorno do qual foram, em grande medida, as motivadoras.

No entanto, se o Anglo, que por muitos anos determinou o crescimento da economia da região, foi o principal motivo de existência do bairro da Balsa - uma extensa área de ocupação surgida à revelia de qualquer projeto urbano - a Lang do ponto de vista da atualidade, insere-se em uma zona central da cidade, mista (residencial e comercial) destacada pelos valores agregados que a fazem distinta no ramo imobiliário. Se tais diferenças as distinguem por um lado, em nada alteram o fato de foram ocupadas por instituições de ensino federal e que, mesmo com tão nobre destino,

seu desiderato é o esquecimento de uma trajetória que marcou a paisagem cultural da cidade. A reflexão não exime os atuais proprietários, as instituições de ensino UFPEL e IFSul, da responsabilidade que deveriam ter assumido com a memória da cidade. Há motivos para essa falha e os próprios são reveladores de uma visão patrimonial que só os estudos sobre o patrimônio industrial pode impactar. Outro exemplo esclarece o motivo. Poucos anos depois de adquirir o Anglo, a UFPel foi contemplada com a possibilidade de aquisição de um dos casarões do conjunto eclético da Praça Coronel Pedro Osório, no coração do Centro Histórico da Cidade. A casa foi restaurada sob fiscalização do IPHAN, já que se trata de um patrimônio nacional. Pertenceu e foi adquirida da família Antunes Maciel, uma das detentoras do principal capital econômico e político da cidade à época e o reflete na diversa complexidade dos elementos decorativos que foram incorporados ao edifício. Ambos os bens foram adquiridos pela UFPel na mesma gestão administrativa, em duas áreas distintas e que cumprem função de abrigar atividades acadêmicas. O histórico de poder político, econômico e social da casa é suficiente para entender que no espaço de uma fábrica, por mais que nele se gere e se exerça poder, quando ali as atividades se encerram, só comporta o esquecimento. Por quê? A fábrica é o lugar do operário, não do industrialista. A fábrica é o lugar dos que geram a riqueza, não dos que a acumulam. E as cidades, principalmente essas que se dizem herdeiras de passados nobres, preferem a memória dos que acumularam riquezas.

Então, como os novos proprietários, cuja missão têm como pilar o ensino, a pesquisa e a extensão, e que deve preparar o educando, de forma crítica, para o mundo do trabalho, ignora sua posição diante de uma necessária mudança de ponto de vista?

Vamos por partes: os estudos sobre o patrimônio industrial partem da premissa que reconhece-lo demanda, primeiramente, conhece-lo. E passar do conhecimento ao reconhecimento, exige esforços de diferentes naturezas e agentes. Não é tarefa simples. Nem pode ser realizada por uma única mente. É tarefa coletiva. A partir disso, e só assim, será possível o reuso do patrimônio industrial de forma efetiva, viva e para o cumprimento da sua função social. É ideia corrente que uma educação crítica pressupõe o diálogo e análise do contexto social, econômico, político de onde se encontra. Compreender as relações sociais e trabalhistas é um dos preparos que os educandos deveriam receber sobre o mundo do trabalho. Saber sobre o contexto de transformação laboral, econômica e tecnológica permite o entendimento do complexo fenômeno da memória social, do que fica e do que se perde e, sobretudo das escolhas que determinam os suportes de memória. A atual perspectiva sobre o patrimônio industrial considera o trabalho operário como protagonista e, portanto, age sobre a consciência das escolhas. Conservar, preservar e reconhecer o patrimônio industrial pode ser um caminho para a compreensão da transformação de uma sociedade escravagista para uma sociedade de mão-de-obra assalariada, dos processos de lutas por direitos, do movimento operário cultural, do cotidiano do chão de fábrica, da evolução tecnológica que a indústria trouxe e do apogeu e decadência do período fabril de cada fábrica. Além disso, em época de mudanças climáticas e catástrofes ambientais, compreender o impacto que muitas das formas de produção industrial trouxeram ao meio ambiente bem como as mudanças necessárias para a preservação ambiental, além das tecnologias desenvolvidas para mitigar o efeito destrutivo das formas de poluição, são temas contributivos ao pensamento crítico. Mas, se houve falha no reuso do espólio, o que resta fazer? Defende-se que se o lugar ainda existe, há o que fazer.

Considerações Finais

Ao analisar o reuso do patrimônio industrial na cidade de Pelotas, através dessas duas fábricas reabilitadas por instituições de ensino, favorece-se a compreensão de um processo consumado e sobre o que o motivou. E, além disso, posiciona-se a importância de fortalecer os estudos sobre o patrimônio industrial, em suas muitas vertentes, como um meio para mudar o ponto de vista dos que podem tomar decisões e fazer escolhas.

O estudo sobre essas fábricas é um caminho para compreender as relações conflituosas de interesses diversos e ameaçadores que permeiam esses antigos prédios. As disputas dos discursos dos agentes patrimoniais e dos agentes imobiliários nos casos de reconhecimento, tombamento e preservação, e as análises que se fundamentam em pesquisas desenvolvidas sobre experiências exitosas de patrimônios reabilitados, como a de Évora e a de Guimarães em Portugal, permite algumas observações e considerações, elencadas a seguir.

A falta de uma legislação específica para a proteção e preservação do patrimônio industrial, enfraquece substancialmente as tentativas de preservação engendradas pelos agentes patrimoniais, frente ao poder e interesses imobiliários. Sem uma legislação específica, com diretrizes e orientações sobre a manutenção e preservação do que preservar, sem uma pesquisa ou metodologia eficaz e obrigatória de reabilitação desses antigos edifícios, é difícil impedir as grandes e desnecessárias descaracterizações por parte dos atuais ocupantes. A prática de reuso sem levar em consideração a importância memorial, histórica e patrimonial reflete o desinteresse pela preservação do bem. E, no caso de instituições de ensino, o desinteresse reflete desconhecimento.

Ao constatar que os dois casos exitosos apresentados nesse texto, revertem favoravelmente para as instituições de ensino que detém essas antigas fábricas, percebe-se como se coadunou com conhecimento técnico e conceitual as necessidades do presente com uma vontade de memória fundamentada em preceitos sociais que valorizam a paisagem industrial das cidades, com seus aspectos imateriais, suas significações, e representações.

As pesquisas estudadas defendem que a reabilitação de antigas fábricas por instituições científicas de ensino, arte e pesquisa podem ser soluções inclusive mais eficazes para a sua preservação e para a manutenção da memória da cidade e dos trabalhadores. Em um lugar de produção de conhecimento, o exercício de ressignificação do mundo do trabalho pode ter mais espaço e concretude, maior aceitação e pode reverberar com mais intensidade. No caso das fábricas Anglo e Lang, ações de memória como visita ao patrimônio industrial reabilitado, conversa com os antigos trabalhadores, compreensão e conhecimento sobre as antigas tecnologias utilizadas na época, e hoje obsoletas são práticas possíveis de acordar com o já feito e no caso da Lang, no que virá a ser. A ativação do patrimônio industrial, junto a sua comunidade interna e também, externa, podem ser muitas, e redundarão, seguramente, no reconhecimento desses patrimônios. A primeira ação está em curso e aqui defendida. O patrimônio industrial demanda estudo e muita pesquisa. A sombra que o cobre costuma ter a extensão do espaço que já ocupou quando a fábrica era ativa. E o mesmo tamanho aplica-se ao necessário esforço em conhece-lo.

Referências

- ALBA DORADO, MI et al. (2022). **A paisagem industrial**. Uma abordagem para o projeto de bases metodológicas para seu estudo, avaliação e intervenção. ACE: Arquitetura, Cidade e Meio Ambiente, 16(48), 10501. DOI: <http://dx.doi.org/10.5821/ace.16.48.10501>
- CHAGAS, Mário. **Memória e poder**: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, v. 19, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>
- CIMADOMO, Guido, VARAGNOLI, Claudio. 2023. «**Patrimônio industrial em Málaga (Espanha)**: Pesquisa e educação através de quatro Conceitos- chave de design » . *Patrimônio* 6, nº 12: 7624-7639. <https://doi.org/10.3390/heritage6120401>
- CRUZ, Ubirajara Buddin. **Fotografia e memória**: as câmaras frias dos extintos frigoríficos Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay) – Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas, 2016.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Os três apitos**: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970. 2002. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Patrimônio**: discutindo alguns conceitos. Diálogos, Maringá, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.. 25-37, jan/abr 2015.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memória do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1990.
- KUHL, B. M. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo**: reflexões sobre sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- LIMA, Evelyn; BEZELGA, Isabel; LYRA, Carolina. **Memória e representação do passado recente**: Patrimônio industrial português reconvertido em Évora e Guimarães. Revista ARANº15.PRIMAVERA+VERÃO,2023•GRUPO MUSEU/PATRIMÔNIO FAU -USP <http://www.museupatrimonio.fau.usp.br>
- MENESES, Ulpiano, T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos** , Rio de Janeiro, V. 11, p. 89-103, 1998.
- MICHELON, Francisca Ferreira. **Sociedade Anonima Frigorífico Anglo de Pelotas**: O trabalho do Passado nas fotografias do presente. Francisca Ferreira Michelin, organizadora. – Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Ed. e Gráfica Universitária, 2012.
- MICHELON, Francisca Ferreira. O patrimônio invisível, in: **O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas** [recurso eletrônico] / Francisca Ferreira Michelin, organizadora. – Pelotas: Ed. UFPel, 2019.
- MORAIS, Cleonice Terezinha Gonçalves de. **Contribuições dos industriais alemães imigrantes à economia e à cultura de Pelotas**. 2014. Monografia (Especialização em Artes Visuais) - Curso de Especialização em Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2014.
- NASCIMENTO, Rodrigo M. **Patrimônio industrial na cidade de Marília SP**: preservação e descaso. Museologia e Patrimônio. Vol III, n. 1, 2010.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problematização dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Ana Lúcia et al. **Dossiê: A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang.** Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPel, 2002.

PEREIRA, Franciele ; GONSALES, Célia Helena; HECK, Rita Maria . Patrimônio industrial na paisagem urbana: Modelagem e apropriação de espaços públicos ao longo do eixo porto-ferroviário em Pelotas/RS, in: **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade** (v. 9, n. 33, 2025).

SOBRINO, Julián. O património é como um rio: entre Lethe e Mnemosyne . Patrimônio Industrial da Universidade Federal de Pelotas, em: **O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas** [recurso eletrônico] / Francisca Ferreira Michelin , organizadora. –Pelotas: Ed. UFPel , 2019.

PRATS, Lorenç. **Concepto y gestión del patrimonio local.** Cuadernos de Antropologia Social, n. 21, 2005. p.p. 17-35. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7173998>

VALÉRIO, Paloma Pires. **A narrativa biográfica do Promotor de Justiça, Sr. Paulo Roberto Gentil Charqueiro, em duas décadas de proteção do Patrimônio Cultural Edificado em Pelotas – RS 1992-2013,** Dissertação Programa de Pós-Graduação de Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

Fontes:

Almanack Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940, Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/almanak/313394>

Biblioteca Pública Pelotense. Volume 660b. CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia descritiva de fábricas em Pelotas, 1911.**

COSTA, Alfredo da. **O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o estado. 1922,** p.88. Biblioteca Pública Pelotense.

Reutilização da antiga Fábrica dos Leões - Departamento de Arquitetura e Artes Visuais / Inês Lobo Architectos , Ventura Trindade Architectos" [Art and Architecture Faculty / Ventura Trindade Architectos Inês Lobo Architectos] 10 Fev 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 17 Nov 2025. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-175470/reutilizacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-departamento-de-arquitetura-e-artes-visuais-slashines-lobo-architectos-plus-ventura-trindade-architectos>> ISSN 0719-8906

Revista do 1º Centenário de Pelotas – Publicação auxiliar para a comemoração projetada pela Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas, 1912, fascículo no 5, (pp. 72 e 73).